

O mês de novembro revelou-se um período positivo no âmbito dos mercados globais, com o desempenho mais favorável sendo determinado fundamentalmente pelas expectativas otimistas em torno de um acordo comercial parcial entre os EUA e China que eventualmente evitasse a elevação de tarifas comerciais programadas para ocorrer em 15/12. Além disso, a safra de dados de atividade econômica global revelou-se mais favorável, em particular nos EUA, o que, juntamente com as políticas monetárias flexíveis por parte dos principais bancos centrais internacionais, deram suporte aos ganhos na maior parte dos mercados. Por outro lado, os riscos em torno da concretização do acordo, as manifestações em Hong Kong e as agitações políticas e sociais na América Latina limitaram os ganhos. Nesse ambiente, a aversão ao risco ficou estável e em patamar baixo, favorecendo o ganho das principais bolsas globais e a valorização do dólar.

No ambiente doméstico, os dados de atividade continuaram apontando recuperação gradual da economia. O PIB do 3º tri/19 surpreendeu positivamente, avançando 0,6% e veio acompanhado de revisões altistas para os dados anteriores. Pelo lado da oferta, o melhor desempenho ficou com o setor agropecuário (+1,3%), com o setor industrial crescendo 0,8% e serviços +0,3%. Pela ótica da demanda, destaque para investimento (+2,0%) e consumo das famílias (+0,8%). Pelo lado da inflação, o IPCA-15 avançou 0,14%, de 0,10% do IPCA fechado de outubro. Em doze meses, o IPCA recuou a 2,67%. No mercado de trabalho, o Caged apresentou geração de 71 mil vagas em outubro (43 mil com ajuste) e a taxa de desemprego foi de 11,6% no trimestre encerrado em outubro, a primeira queda desde o trimestre encerrado em junho (11,8%). No front monetário, o BCB repetiu as principais mensagens do comunicado em que reduziu a Selic em 0,50p.p. para 5%, sinalizando “cautela em eventuais novos ajustes no grau de estímulo”.

A Bolsa de Valores de São Paulo encerrou o mês de novembro com alta de 0,95%, aos 108.233 pontos. No ano, o índice Ibovespa acumula ganhos de 23,2%. O desempenho da bolsa doméstica foi no mesmo sentido das principais bolsas internacionais, só que em menor intensidade.

Já o Real encerrou o mês de novembro com importante desvalorização de 5,49% ante o Dólar, a R\$4,22. No ano, a moeda doméstica exibe depreciação de 9,01%. Por fim, as taxas de juros encerraram o mês de novembro em alta em todos os segmentos da estrutura a termo doméstica. Em relação à parte curta da curva, entre as principais influências estiveram: a Ata do Copom, que reforçou a mensagem do comunicado, sinalizando nova queda em dezembro e cautela nos movimentos subsequentes; o movimento de depreciação cambial; e notícias menos favoráveis no âmbito da inflação, cujos números mensais devem se mostrar pontualmente mais elevados no curto prazo. No médio/longo, além da pressão advinda do câmbio, as turbulências políticas na América Latina (que levantaram temores de algum contágio interno), os ruídos políticos internos, a ligeira alta da curva dos *treasuries* e a safra de dados de atividade doméstica mais favorável na margem foram importantes fatores a influenciar esse segmento da curva.

### Palavra do Gestor

Em novembro, o posicionamento em NTN-Bs (vencimentos entre 2021 e 2028) com travamento da parte pré-fixada através de venda de contratos de DI, exposto apenas em inflação implícita, conseguiu blindar o fundo da importante abertura observada nas curvas de juros (nominal e real). Uma pequena exposição em bolsa também ajudou a agregar performance.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE		
Ativo/Grupo	Resultado Financeiro (R\$)	Contrib.
DI FUTURO	593.741,50	<b>0,85%</b>
COMPROMISSADA	248.533,09	<b>0,36%</b>
IBOVESPA FUTURO	64.026,99	<b>0,09%</b>
LFT	31.658,01	<b>0,05%</b>
OPÇÕES	9.565,66	<b>0,01%</b>
DESPESAS	(2.657,94)	<b>0,00%</b>
OUTROS	(35.340,82)	<b>-0,05%</b>
NTN-B	(335.296,94)	<b>-0,48%</b>
<b>BB Astrea</b>	<b>574.229,55</b>	<b>0,82%</b>